

Fantasmas na sala

Não há comparação possível entre a situação no Brasil e a eleição na Argentina. Engana-se quem tenta interpretar a vitória do populismo de Carlos Menem na Argentina como antevéspera para a implantação do modelo brizolista no Brasil. Se o Sr. Leonel Brizola vencer a eleição aqui, será por putro determinado tipo de fator, que não a predisposição da sociedade por um presidente anárquico-populista. No Brasil, a sociedade mostra-se muito mais madura que na Argentina para repelir as instabilidades sociais e lutar no plano da cidadania, recém-reconquistada na Constituição. O Brasil tende ao centro. Enquanto a Argentina não sabe ao certo nem para onde vai.

O que separam as duas eleições é que a Argentina não é uma transição, e aqui o presidente José Sarney foi ungido por acaso histórico num Colégio Eleitoral ocasional na história. Lá, a luta eleitoral se feriu entre coligações bipolarizadas. Aqui são onze ou doze candidatos, somente no segundo turno da eleição haverá, por força de lei, uma bipolarização não entre partidos, mas entre tendências ideológicas.

Na Argentina, o voto foi disputado entre correntes saudosistas. É um país voltado para o seu próprio drama de identidade, em que o peronismo reacende como força capaz de impelir o país para vencer suas dificuldades sociais e econômicas, é como se os fantasmas voltassem para dirigir o país.

No Brasil, ao contrário, são forças impelidas para o futuro que tentam recriar o discurso de salvação nacional. Um jovem de 38 anos como o ex-governador Fernando Collor de Mello está à frente das pesquisas. Um idoso como o Sr. Jânio Quadros, numa jogada extraordinária de "marketing" chega a criar um "Conselho de Anciãos" para parecer bem mais moço que seus nove interlocutores com mais de 80 anos. O novo manda no Brasil. Na Argentina elege-se o velho, com cara nova.

Finalmente, no Brasil há apenas uma medida eleitoral. Aqui, é contra Sarney ou a favor de Sarney. O PMDB, que sempre soube estar no muro, fez uma leitura inteiramente equivocada. Pensou que esta fosse uma eleição convencional, num regime civil, para eleger um presidente de grande partido. Vai ser uma eleição emocional, em um regime de cidadania recém-conquistada na Constituição, para eleger um presidente que fala ao coração do povo, não aos burocratas de um partido grande. Não haverá partidos, legendas nem compromissos antecedentes nessa eleição. Tudo será implodido em nome do reencontro com o novo. Só mais tarde haverá eleições convencionais, entre partidos, bipolarizados. Lá, a sociedade cansou de empurrar o país para a frente, e voltou ao arcaico. Aqui, ainda há chance de velhos e jovens expulsarem os fantasmas da sala.